

Associação Nacional de História – ANPUH
XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - 2007

O cinema como recurso pedagógico
(Uma experiência de ensino de História da Educação no Estado do Tocantins)

Sauloéber Társio de Souza*

Resumo: Propomos aqui o uso do cinema como recurso pedagógico, para isso pressupõe-se que a imagem não ilustra nem reproduz a realidade, ela a reconstrói a partir de uma linguagem própria que é produzida num dado contexto histórico, assim, o cinema não é apenas glamour visual, professores e alunos devem educar seu olhar para a leitura dessas imagens. Nessa perspectiva, introduzimos a projeção de filmes na disciplina de História da Educação I, partindo da interpretação dos mesmos para o estudo teórico de determinados processos educacionais relevantes. Esse trabalho foi realizado no curso de Pedagogia da UFT, constatamos que cerca de 80% dos alunos não tinham o hábito de frequentar cinemas ou locadoras, limitando-se a programação da TV aberta. Percebemos um certo estranhamento diante da exibição dos filmes, revelando-se a necessidade de se ampliar a visão dos alunos para que possam entender o cinema como recurso didático e não apenas como entretenimento.

Palavras-chaves: cinema, recurso pedagógico e ensino de história da educação.

Abstract: We consider here the use of the cinema as pedagogical resource, for this estimates that the image does not illustrate nor reproduces the reality, it reconstructs from a proper language that is produced in data historical context, thus, the cinema is not only glamour visual, professors and pupils must educate its look for the reading of these images. In this perspective, we introduce the projection of movies in discipline of History of Education I, leaving of the interpretation of them for the theoretical study of determined educational processes. This work was carried through in the course of Pedagogy of the UFT, we find that about 80% of the pupils did not have the habit to frequent cinemas or landlords, limiting itself it programming of the open TV. We ahead perceive a certain strangely of the exhibition of the movies, showing the necessity to extending the vision of the pupils, so that they can understand the cinema as didactic resource and not only as entertainment.

Key-words: cinema, pedagogical resource, schooling of History of Education.

O presente trabalho tem como objetivo refletir sobre a utilização do cinema no ensino de História da Educação I. Nosso interesse pela temática decorreu da percepção de que a linguagem cinematográfica pode ser amplamente utilizada na formação histórica dos alunos, além disso, deparamo-nos com grandes barreiras no levantamento de recursos pedagógicos no

* Doutor em História da Educação pela Unicamp, professor adjunto da Universidade Federal de Uberlândia.

ensino da disciplina que, sob alguns pontos de vista, ainda permanece presa à concepção linear da história.¹

Tal constatação talvez decorra da discussão ainda incipiente sobre métodos no ensino de História da Educação I por parte dos pesquisadores da área, fato constatado pelos organizadores dos congressos da Sociedade Brasileira de História da Educação que em recente balanço do último evento (Goiânia, 2006), contou apenas seis inscritos no eixo Ensino, mesmo “a despeito de sua relevância e da insistência com que a questão vem sendo tratada pela SBHE em seus fóruns” (CARVALHO, SAVIANI e VIDAL, 2006). Dessa forma, buscamos estabelecer canais de diálogo com outros profissionais, relatando nossa experiência na utilização do cinema como ferramenta pedagógica no ensino da disciplina.

O impacto causado pela criação e difusão do cinema e outros meios de comunicação de massa no século XX, não pode ser ignorado pelos profissionais do ensino.² Os grandes avanços tecnológicos e científicos no domínio da comunicação modificaram o formato das relações sociais. O mundo atual é o da extrema regulação cultural, vivemos sob a centralidade da cultura, o que modifica radicalmente nossa relação com os artefatos culturais, assim, também a escola não fica imune a tal processo. Dessa maneira, discute-se intensamente os rumos da educação, em que se verifica o esgotamento das certezas que davam direção ao processo educativo. São esses motivos que nos impelem a buscar outros sentidos para o fazer pedagógico, a discutir o que temos entendido e praticado até agora como pedagogia (FABRIS, 2001). O professor não deve se distanciar desse novo cenário, impondo-se como necessidade histórica, o entendimento dos processos de modernização das sociedades e sua integração com os novos recursos da comunicação e, no nosso caso específico, com o cinema.

Acreditamos que para se utilizar o cinema como recurso pedagógico, é necessário compreender, de antemão que, a imagem não é ilustração ou reprodução da realidade, ela apenas representa determinado contexto, a partir da produção de uma linguagem própria. Isso pressupõe uma série de indagações que vão muito além do glamour visual, de forma que o professor deve passar por um processo de educação do olhar que lhe possibilite “ler” as imagens cinematográficas.

¹ No ensino da disciplina História da Educação I são amplamente difundidas as obras de Ponce (2003), Cambi (2001) e Manacorda (2006), que buscam explicar alguns dos processos educativos a partir da divisão cronológica tradicional, partindo da educação nas comunidades primitivas passando pelas civilizações antigas, medievais até o período contemporâneo.

² É certo que Hollywood nos Estados Unidos é o mais importante pólo do cinema mundial, ocupando lugar de destaque na produção de sentidos, um meio educativo nas regiões onde tem alcance. Hollywood exerce uma pedagogia que ensina de um modo interessante, possuindo circulação considerável com forte apelo produzido pela linguagem cinematográfica, apoiada no mundo da magia e da arte, em que o uso da câmera, da iluminação, da edição, som e outros efeitos contribuem para a construção dos significados a partir das histórias projetadas na grande tela (FABRIS, 2001).

Ressalta-se de acordo com Ferro (1992) que “todo filme é um documento” independente se seu tema central remeta a um passado remoto ou imediato, indo sempre além de seu conteúdo na medida em que for questionado. Toda imagem é histórica, já que ela é produto de seu tempo e carrega consigo, mesmo que de forma indireta e muitas vezes inconsciente para quem a produziu, ideologias e costumes do período em que foi produzida (NÓVOA e NOVA, 1998).³

Em 1995, Nóvoa já indicava a importância do uso da linguagem cinematográfica como poderoso instrumento de formação histórica, integrando, orientando e estimulando a capacidade de análise dos estudantes, a partir da utilização de filmes já existentes como fontes para a discussão de temas históricos, acompanhando-se os anseios decorrentes da revolução promovida pelos meios de comunicação e informação e que a academia parecia ignorar:

A introdução do cinema como instrumento de apoio ao processo de aprendizado possibilita uma primeira ruptura nesse sistema acadêmico. Através da utilização de fitas cinematográficas como recurso didático, estaríamos lançando mão de um dos mais poderosos meios de comunicação e também utilizando uma linguagem absolutamente atual. É inegável o alcance e a popularidade adquiridas pelo cinema nos dias de hoje, a ponto dele ter-se tornado um dos elementos centrais da vida cultural, intelectual e informativa do homem moderno.

É claro que a linguagem cinematográfica permite uma série de abordagens, por isso mesmo, é complexa, nos colocando frente a uma questão preliminar: que tipo de filmes utilizar em nossas atividades pedagógicas? Conforme Nóvoa nos indica, tal resposta deve ser a mais abrangente possível já que um o conteúdo do filme, seja de que tipo for, tem as suas relações com a história. O filme é um recurso particular e insubstituível que toma de assalto os indivíduos e suas razões, envolvendo-os na trama do real.⁴

A partir dessa perspectiva, introduzimos a projeção de filmes (épicas, ficção histórica ou mito-ficção) na disciplina de História da Educação I, partindo da discussão e interpretação dos mesmos para o estudo de determinados temas no campo educacional ao longo da história humana. Esse trabalho foi realizado nos últimos 5 anos, envolvendo

³ Braga (2004) ressalta: “A invenção do cinema revelou a possibilidade da história dos homens ser registrada num formato que assegura ao imaginário dos sujeitos/espectadores uma impregnação visual, fato que lhes permite re-viver o evento na condição de espectador, daquele que estiver devidamente acomodado em sua poltrona, e que por outro lado está completamente interativo no que diz respeito a sua atividade visual e mental, realizando, portanto uma ‘interação’ onde ele julga, pensa e sente junto com seus personagens.”

⁴ O autor ainda sugere observar o público a ser trabalhado e os objetivos a serem alcançados, de forma que o fascínio do cinema possa colaborar para o desenvolvimento da interpretação, algo indispensável aos estudantes: “Como retratar a vida sem refletir a história? Através da vida pulsando numa tela, é-se arremetido para outros tempos e espaços, a exemplo do que acontece nos filme *A Guerra do Fogo* e *O Nome da Rosa* em que os espectadores são transportados, respectivamente, para a pré-história paleolítica e para os infernos dos subterrâneos dos mosteiros medievais, onde a mão de ferro obscurantista da Santa Inquisição domina implacavelmente.” (NÓVOA, 1995).

aproximadamente 150 alunos dos cursos de Pedagogia e Normal Superior da Universidade Federal do Tocantins (Campus de Tocantinópolis⁵), para o levantamento dos dados aqui reunidos, além dos debates, também aplicamos questionários sobre os filmes assistidos.

Quando propusemos nosso Plano de Disciplina prevendo a exibição de três filmes ao longo de um semestre, foram feitas algumas observações de nossos pares do colegiado em relação ao aproveitamento dos alunos em atividades dessa natureza (utilização de recursos audiovisuais). Buscamos esclarecer que o trabalho com filmes em sala de aula deveria ter certas preocupações em seu desenvolvimento, como a escolha da temática, relacionando-a especialmente com o referencial teórico do curso. Quando do início das atividades letivas, constatamos um certo estranhamento de uma parte expressiva dos alunos na primeira exibição proposta, revelando uma cultura visual onde o ato de assistir a um filme relacionava-se exclusivamente a divertimento/entretenimento.

Tais fatos contribuíram para que corroborássemos com a observação de Nóvoa (1995) em relação a adoção de recursos pedagógicos audiovisuais na prática acadêmica:

*Sem dúvida alguma, a resistência para enxergar no filme, histórico ou não, um instrumento didático da maior eficácia é ainda grande. Isto ocorre por várias razões que encontram no imobilismo conservador das instituições acadêmicas um terreno fértil. A escola e a universidade acompanham, com dificuldade, a revolução tecnológica processada durante a contemporaneidade.*⁶

Nos anos seguintes, trabalhando sempre com turmas de primeiro período, percebemos que o estranhamento em relação ao uso do cinema como recurso pedagógico era recorrente. Felizmente, os resultados do trabalho geraram confiança entre nossos pares, já que ao final do semestre os alunos sinalizavam como ponto alto da disciplina, a exibição dos filmes que era seguida de debates e leituras de resenhas dos mesmos, além da análise

⁵ Tocantinópolis situa-se no norte do Tocantins na divisa com o Maranhão, possui população caracterizada pelo encontro de raças: populações indígenas, negros e migrantes nordestinos, dando conformação ao perfil de seus 22 mil habitantes. Esse município localiza-se na região conhecida como Bico do Papagaio marcada pela pobreza e com boa parte de sua população vivendo na informalidade ou dependendo do pequeno comércio e do funcionalismo público. Tem sua história marcada pelo extrativismo e pela economia de subsistência, relacionada ao babaçu e a sociedade indígena Apinajé. Tocantinópolis surge com a transferência do povoado de Santo Antônio, junto das cachoeiras das Três Barras, para a atual Carolina-MA, formando-se, um pouco acima, Boa Vista, que se tornou o ponto principal do intercâmbio com os Apinajé. O missionário capuchinho Frei Francisco do Monte São Vitor chegou em Boa Vista em outubro de 1841, sendo nomeado diretor dos Apinajé. Sua ação junto a esse povo, revela elementos importantes acerca da formação da identidade do norte do Tocantins, e nos leva a conhecer um pouco das transformações ocorridas com os Apinajé através da imposição da cultura ocidental européia. (NOLASCO, 2004).

⁶ Esse autor cita David Griffith, considerado um grande produtor de ideologia a serviço das classes dominantes americanas que compreendeu o absurdo que é negar tão evidência, chegando afirmar que as crianças nas escolas aprenderiam tudo por meio dos filmes e não mais dos livros de história. A leitura desses livros é indispensável para a formação dos estudantes, mas é mais fácil seduzi-los através das imagens em movimento. Portanto, a didática inteligente deve-se apoderar da motivação provocada pelos filmes para levar os estudantes à polêmica e ao aprofundamento das leituras.

interpretativa relacionada a temática da disciplina, fomentando o início de cada conteúdo programático. Nas avaliações da disciplina notamos que cerca de 50% dos alunos solicitavam a ampliação dos filmes exibidos, em muitas dessas, salientou-se o papel importante do cinema para a compreensão da realidade de época (“de nossos antepassados”), enriquecendo-se as aulas por meio dos debates. Algumas falas sobre o uso do cinema em sala de aula ilustram essa percepção:

As diferentes abordagens com vídeos e transparências contribuíram bastante para uma melhor interpretação. (Aluno, 2º. sem/2003) A utilização de recursos como filmes, dinâmica para interação entre os alunos, foi de grande valia, na minha opinião realmente houve o aprendizado. (Aluna, 1º. sem/2004) Uma boa maneira de termos uma visão melhor do que está sendo exposto. (Aluno, 1º. sem/2005) Foram muito bem colocados, auxiliando o entendimento dos conteúdos. (Aluna, 1º. sem/2006)

Mesmo assim, o problema da cultura visual desses alunos calcada na TV aberta, fez com que surgissem comentários do tipo “Só não gostei pois eram legendados, ou agente lia ou olhava as cenas, mas é importante (...)”, demonstrando também uma certa deficiência no aprendizado da leitura dessa clientela, já que o Estado do Tocantins, em especial a região do Bico do Papagaio apresenta estatísticas educacionais bastante desfavoráveis ao aprendizado da escrita e da leitura.

É certo que o esforço para a mudança dessa visão junto aos alunos teria que ser gradual, e mesmo ao final do primeiro semestre, o trabalho com cinema na sala de aula ainda era entendido de forma distorcida por parte de alguns deles, como vemos nessas falas: “apenas um filme foi bastante interessante com ação” ou ainda “gosto muito de aprender em tele aulas”. As limitações dos equipamentos de projeção ou a qualidade dos vídeos também geraram queixas, sugerindo-se a melhoria dos mesmos, algo considerável, em função de que a qualidade ruim da imagem prejudica a essência do cinema.

Os filmes exibidos foram, nessa ordem, *A Guerra do Fogo*, *Tróia* e *Em Nome de Deus*. O primeiro, conhecida película de Jean-Jacques Annaud (França-Canadá, 1981), retrata a luta pela sobrevivência dos povos primitivos e, ao longo dos anos, fora analisado a partir de diferentes pontos de vista pelos estudiosos do tema. No entanto, em História da Educação, serviu como introdução para os estudos teóricos sobre a educação nas comunidades primitivas, quando adotamos os textos de Ponce (2003) e Manacorda (2006) para trabalho em sala de aula. O filme ilustra bem a organização social assentada sobre coletividades pequenas, onde a divisão do trabalho se dava de acordo com as diferenças existentes entre os sexos. Mesmo não existindo a presença de crianças nessa película, a própria reprodução da vida

cotidiana indica que a educação não estava confiada a ninguém em especial, mas a vigilância difusa do ambiente e do grupo.

Assim, a educação na comunidade primitiva era uma função espontânea da coletividade. As questões debatidas sobre o filme, voltavam-se, portanto, para o entendimento de que o homem é moldado por seu ambiente histórico, de forma que o filme ilustra bem o aprendizado de hábitos como o humor, as práticas sexuais e, sobretudo, o aprendizado da técnica do fogo, talvez o maior exemplo de ato educativo presente no filme, quando um elemento de uma das tribos ensina a produção do fogo a um indivíduo estranho a sua comunidade. Na análise desse filme, discutimos também o período histórico em que se passam as cenas, o que poderia ser realidade ou ficção, como por exemplo, a co-existência espacial e temporal de tribos tão distintas em termos técnicos.

Após o fechamento desse conteúdo programático, passamos para o estudo da educação nas civilizações antigas (Egito, Grécia e Roma). Dentre elas, elegemos a segunda para exibição de um filme que pudesse ilustrar um pouco de sua cultura. Num primeiro momento, escolhemos um documentário sobre a Grécia, contudo, a qualidade da cópia disponível, fez com que a partir do segundo ano de trabalho, optássemos pelo então recente lançamento *Tróia* (EUA, 2004), produzido com a participação de atores mundialmente conhecidos e, portanto, com grande publicidade. A despeito dos erros históricos presentes no filme, como a duração da guerra (na *Ilíada* de Homero se estendera por 10 anos, enquanto nessa película não passou de meses), o filme agradou aos alunos especialmente, acreditamos, por adotar a velha fórmula hollywoodiana que associa heroísmo, paixões e morte, num cenário bastante bonito.

Tróia introduziu os estudos sobre a Grécia Antiga, sua cultura militar, a relação com o mar, a substituição do matriarcado pela autoridade paterna, os primórdios da propriedade privada, enfim, o nascimento de um Estado que estimularia um tipo de educação voltada para as virtudes guerreiras. Assegurar a superioridade militar garantiria às classes dominantes o controle da situação interna e a expansão externa como fica bem representado no filme. Finalmente, o filme contribui para o entendimento de que a educação da civilização grega não se desvinculava de sua religiosidade, ressaltando-se nos debates, a ênfase na flechada no Calcanhar de Aquiles, já que pouco se explica sobre a mitologia no filme. Igualmente, também ressaltamos alguns pontos que não devem deixar de ser lembrados, como explicar, por exemplo, dentes tão bem preservados em bravos guerreiros gregos? Ou a que tratamentos as mulheres gregas eram submetidas para terem tão vistosas e longas madeixas?

Contudo, pudemos traçar paralelos importantes, entre a organização dos povos primitivos e as civilizações antigas, através da ilustração promovida por esses filmes.

Na conclusão do semestre, o último conteúdo programático fora introduzido com a exibição do filme *Em Nome de Deus* (EUA, 1988). Esse filme, muito embora tenha como centro o romance entre Abelardo e Heloisa, ilustra de forma bastante interessante o ofício da docência em determinado momento do Mundo Medieval. O período histórico retratado, século XII na França, já indicava o esgotamento do sistema feudal na Europa, de forma que as cidades se transformaram em centros de comércio e não mais apenas uma fortaleza.

O filme mostra uma escola catedralícia cuja organização era semelhante à das monásticas, onde o centro de suas preocupações pedagógicas era sem dúvida a teologia. Tais escolas constituíram-se no germe da universidade, onde os filhos da emergente burguesia fariam seus estudos superiores. Percebe-se no filme que no início as universidades não passavam de reuniões livres onde se propunha o cultivo das ciências. É possível discutir-se também as diferenças educacionais a partir das distinção dos gêneros. Mesmo que a universidade se apresentasse como instituição francamente liberal, a Igreja e os reis buscavam mantê-la sob sua influência, como podemos ver na película. Enfim, algumas ressalvas devem ser feitas em relação a produção do filme ao longo dos debates, mas é uma boa ilustração das escolas monásticas femininas e dos embriões das universidades que eram espaços predominantemente masculinos.⁷

Concluindo, observamos em levantamento feito junto aos estudantes que cerca de 80% deles não tinham o hábito de frequentar cinemas ou locadoras de vídeo, isso em função de que na cidade não havia salas de cinema (a mais próxima localizava-se a 100km na cidade de Imperatriz-MA) e apenas três locadoras com repertórios bastante comerciais, boa parte deles jamais pisara numa sala de projeção. Dessa forma, sua cultura visual calcava-se basicamente na programação dos canais abertos de televisão. Por isso, percebemos em todas as turmas um certo estranhamento diante da linguagem presente no gênero dos filmes

⁷ De acordo com Fabris (2001) a associação do pedagogo ao religioso perpetua-se na representação do professor em nossa sociedade, e que nesse filme está bem retratado: “Ao analisarmos as antigas práticas de condução dos aprendizes, a gênese da escola, a constituição do pedagogo (um homem, quase sempre um religioso) vemos que a pedagogia já constituiu-se em outros tempos e espaços por outras práticas sociais, em que tanto o pedagogo como a pedagogia se diferenciavam do que hoje concebemos como tais. Tudo isso para afirmar que tanto a pedagogia como o pedagogo são produções culturais. Tanto um quanto o outro não possuem uma essência, e, muito menos são naturais, ambos se constituem nas práticas sociais. Neste processo, onde a infância se constitui no terreno próprio para ação do mestre, é que se fabrica um sujeito que será chamado de professor e posteriormente, professora. Podemos dizer que a pedagogia se constitui neste terreno onde o sujeito a quem é confiada a tarefa de conduzir a humanidade ao bom caminho, do conhecimento e da moral, tem seu campo de atuação garantido: a mente e o corpo do/a aluno/a.”

exibidos, em função de que o ato de assistir a uma película, em suas concepções iniciais, não passava de entretenimento.

Por tais constatações, revela-se a necessidade premente de se ampliar a visão dos estudantes (em especial dos cursos de licenciatura) para que possam entender o cinema como recurso didático e não apenas como “passa tempo”, em função do que afirmamos inicialmente: não é possível ignorar a imagem como elemento pedagógico poderoso. Assim, os futuros professores, sejam do Norte ou do Sul do país, devem aprender a ler as entrelinhas presentes na linguagem cinematográfica, utilizando-a como parceira em sala de aula, ampliando suas ferramentas de trabalho.

O uso do cinema como recurso pedagógico deve auxiliar os alunos na interpretação dos fenômenos sociais, sendo entendido também como lugar do imaginário para o ensino da história.⁸ Nunca se desconsiderando a diversidade de questões que envolvem o trabalho com a imagem cinematográfica (KORNIS, 1992). Mesmo reconhecendo que a sociedade contemporânea está absolutamente mergulhada num mundo de imagens, esta é uma proposta de trabalho pedagógico que continua sendo ousada nos dias atuais.

Referências Bibliográficas:

BRAGA, Ana L. O Cinema enquanto fonte de compreensão da realidade. Site: www.oohodahistoria.ufba.br Artigos, 2004.

CAMBI, Franco. *História da Pedagogia*. São Paulo: Unesp, 2001.

CARVALHO, Marta M. C., SAVIANI, Dermeval, VIDAL, Diana. *Sociedade Brasileira de História da Educação: Constituição, Organização e Realizações*. Acessado em maio/2007, site: http://www.sbhe.org.br/novo/index.php?arq=arq_historico&titulo=Hist%C3%B3rico

FABRIS, Elí Terezinha Henn. *As Marcas Culturais da Pedagogia do Herói*. ANPED, GT08 Formação de Professores, UFRGS, 2001.

FERRO, Marc. *Cinema e História*. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

_____. *O Conhecimento Histórico, os Filmes, as Mídias*. Revista Eletrônica O Olho da História. Site: www.oohodahistoria.ufba.br Artigos, 2004.

⁸ Com essa experiência, aprendemos que é preciso levar em conta as variáveis presentes na produção de um filme, demonstrando toda a manipulação ideológica construída em torno das imagens a partir de um contexto histórico determinado. O cineasta satisfaz ao princípio de prazer e a busca do prestígio, definindo a natureza de seu trabalho: ser de vanguarda ou popular? (FERRO, 2004).

KORNIS, Mônica Almeida. *História e Cinema: um debate metodológico*. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 237-250.

MANACORDA, Mario A. *História da Educação: da antiguidade aos nossos dias*. São Paulo: Cortez, 2006.

NOLASCO, Genilson. *Frei Francisco do Monte São Vitor e os Apinajé*. Palmas: Texto CD Room, 2004.

NÓVOA, Jorge. *Apologia da relação Cinema-História*. Revista O Olho da História, no.1, 1995.

NOVÓIA, Jorge, e NOVA, Cristiane (Org.). *Interfaces da História*. Caderno de Textos. v. 1, n. 1. Salvador: Bahia, 1998.

PINTO, Luciana. *O Historiador e sua relação com o Cinema*. Site: www.oolahistoria.ufba.br Artigos, 2004.

PONCE, Aníbal. *Educação e Luta de Classes*. 20ª. ed., São Paulo: Cortez, 2003.